


# Como e o que escrever em um relatório científico de pesquisa empírica?

## How and what to write in a scientific report of empirical research?

Pedro Bordini Faleiros<sup>1</sup>, André Luíz Ferreira<sup>2</sup>

1  0000-0002-2959-5445, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), [pbfaleiros@gmail.com](mailto:pbfaleiros@gmail.com)

2  0000-0003-3368-1415, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), [andrel.ferreira@yahoo.com.br](mailto:andrel.ferreira@yahoo.com.br)

### RESUMO

**Objetivo.** O objetivo do presente artigo é fornecer ao leitor instruções, derivadas da literatura científica, sobre o que e como escrever cada seção de um relatório científico de uma pesquisa empírica.

**Desenvolvimento.** Este trabalho está dividido de acordo com a estrutura de um relatório científico (introdução, objetivo, método, resultados e discussão e considerações finais), no qual em cada um dos tópicos são explorados o que deve ser escrito, como e a sequência de tal descrição.

**Implicações.** Acreditamos que este tipo de artigo pode contribuir com alunas e alunos de cursos de graduação que precisam lidar com as dificuldades relacionadas ao bloqueio de escrita acadêmica.

**Palavras-chave.** Bloqueio de escrita; Modelo de relatório de pesquisa empírica; Redação científica.

### ABSTRACT

**Objective.** The purpose of this article is providing the reader with instructions, based on the scientific literature, on how and what to write in each section and topic of a scientific report of empirical research.

**Development.** The article is divided according to the structure of a scientific report (introduction, objective, methods, results and discussion and final considerations), in which each topic explores what should be written, how and the sequence for such description.

**Implications.** We believe that this type of article can contribute to undergraduate students who need to deal with difficulties related to academic writing block.

**Keywords.** Writing block; Scientific report model; Scientific writing.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. Apresentação

Este é um artigo que apresentará diretrizes para a redação de relatórios científicos de pesquisa empírica, pensando, principalmente, em estudantes de graduação. Por esse motivo, adotaremos uma linguagem e uma forma de comunicação próprias para esse público. Começamos assim pelo fato de que você, aluno(a) de graduação, se não recebeu, certamente, receberá como parte do seu processo formativo: a “árdua” tarefa de redigir um relatório científico, e ainda, adaptá-lo, por exemplo, para um formato de artigo ou, até mesmo, de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Isso ocorre tanto como parte dos requisitos para concluir uma disciplina, ou como exigência para concluir o seu curso. Geralmente, a necessidade de lidar com tal tarefa vem acompanhada por um conjunto de

sentimentos negativos sobre ela (CRUZ, 2018), que tanto podem competir com a sua realização quanto promoverem comportamentos relacionados à procrastinação (MELO; MENDONÇA, 2020). E quando os prazos ficam curtos e precisa lidar com essa tarefa, você abre o seu editor de texto, e parece que a tal se tornou ainda mais difícil, pois, não consegue redigir qualquer linha que considere razoável ou com uma qualidade aceitável.

Este cenário descrito acima é tão comum que há uma literatura específica dedicada a estudar tal fenômeno, conhecido como “Bloqueio da escrita” (CRUZ, 2018; BOICE, 1993). Entre diversos fatores a serem considerados como explicativos para este empecilho, devemos ainda, ponderar, segundo esses autores, que o comportamento de escrever deve ser visto como sendo determinado por questões relacionadas ao ambiente físico e social, e não por meras questões inerentes a indivíduos que encontram dificuldades na escrita. Dito de outra forma, ao invés de dizermos que você não escreve fluidamente por não ter “inspiração”, “força de vontade”, ou por não se “dedicar o suficiente”, antes, apontamos o caminho oposto: identificar quais são os fatores do seu ambiente que podem contribuir para diminuir a probabilidade desse bloqueio da escrita, a fim de aumentar a sua efetividade ao redigir.

Neste artigo, o nosso principal objetivo é apresentar a você um dos fatores que pode contribuir para te auxiliar a lidar com o bloqueio da escrita ao redigir relatórios científicos exigidos ao longo da sua formação. A estrutura do texto é um dos fatores. Por mais que você tenha recebido orientações e modelos de bons relatórios e artigos, muitas vezes, você pode sentir a falta de um roteiro que seja o mais descritivo possível e te diga, exatamente, o que escrever, como qual sequência e orientações capazes de tornar seu texto um documento com informações coesas. Falamos aqui de relatório científico como um documento que segue uma lógica na apresentação de informações e que você poderá adaptá-lo para um contexto específico de uma disciplina, um artigo ou TCC.

Este trabalho se diferencia dos demais que você já teve acesso, os quais também tiveram como objetivo te auxiliar no processo de escrita científica (GIL, 2002; KOLLER, COUTO, HOHENDORFF, 2014; OLIVEIRA, 2014; CRUZ et al., 2020; VOLPATO, 2015) porque fornece, tanto para você quanto para a literatura da área, diretrizes específicas sobre a elaboração de relatórios científicos destinados,

especificamente, a pesquisas empíricas. Tais relatórios podem, em alguma medida, ter uma estrutura diferente daquelas que são exigidas na publicação em revistas científicas ou na apresentação de um TCC. Não obstante, consideramos que a forma do material pode ser adaptada, para tanto, importa mais o conteúdo e a lógica, pois, orientam a sua redação. Acreditamos, ainda, que se o relatório for elaborado segundo a estrutura apresentada aqui, haverá um aumento na probabilidade de você sentir-se motivado a querer adaptá-lo com vistas à publicação em uma revista científica, uma vez que essa estrutura garantirá ao seu material, produto de uma disciplina/estágio, qualidade mínima necessária no pleiteio por uma publicação.

Em linhas gerais, pense na estrutura que vamos apresentar a você como um mapa. Imagine o processo de escrita como uma viagem na qual você precisa definir, previamente, os pontos de parada com o fim de abastecer, ir ao banheiro e fazer refeições. Por mais que o caminho possa conter pequenas variações não planejadas, olhar sempre para o roteiro faz você se localizar no todo, além de saber quanto falta para chegar e por onde ainda precisa passar, agindo assim, organiza melhor o planejamento da viagem. A escrita deste tipo de texto parte de uma premissa semelhante. Abaixo, você verá um tipo de estrutura com uma descrição detalhada, especialmente direcionada a trabalhos empíricos, ou seja, trabalhos que descreverão aspectos da realidade, por exemplo, o relato de uma prática de estágio, um projeto de pesquisa com dados coletados de um local específico, ou um artigo capaz de relatar uma intervenção realizada. Você verá que a estrutura de texto, apresentada por nós, segue a analogia do “funil”, ou seja, do tópico mais geral para o mais específico.

#### **1.4. Organização do presente artigo**

Este artigo, a partir da seção 2, está organizado em tópicos. Iniciaremos abordando a introdução do relatório científico, que é o tópico responsável por apresentar: o tema; os conceitos principais do seu trabalho; as referências teóricas – as quais fundamentam o seu olhar sobre um determinado fenômeno a ser investigado -; os argumentos científicos - que constroem a pergunta -; e, por fim, o objetivo da pesquisa. Em seguida, descreveremos a seção de método, contemplando o conjunto de ações dos pesquisadores, descritas de maneira sequencial com os detalhes importantes destacados, de maneira a atingir o

objetivo proposto. Continuaremos a apresentação pela seção de resultados e discussão, além disso, apresentaremos os aspectos mais importantes ao descrever o que aconteceu após a aplicação dos procedimentos descritos na seção de método, assim como, poderá analisar tais resultados à luz da teoria. Por fim, apresentaremos a seção de considerações finais com orientações sobre como fechar o seu texto de maneira clara, sucinta e coesa.

## **2. A INTRODUÇÃO DO RELATÓRIO CIENTÍFICO**

### **2.1. Definição conceitual do tema**

O primeiro tópico que você deverá descrever no seu texto é a introdução. Geralmente, é o tópico que os(as) alunos(as) possuem maior dificuldade, pois o texto, muitas vezes, tem um certo nível de permissão menor para descrever conteúdos autorais, uma vez que, em textos acadêmicos, dos autores são exigidas citações das referências de outros autores. Evidentemente, que os aspectos pessoais do autor aparecem aqui, como o estilo de escrita, a relação entre diferentes autores estabelecidas pela visão do pesquisador entre outros fatores. Contudo, é importante considerar que, a maior parte das afirmações e dados que apresentar aqui, precisarão estar, devidamente, referenciados pela literatura da área que o seu trabalho está inserido.

Nesse sentido, a dificuldade encontra-se, principalmente, em como articular diferentes ideias dentro de um texto que seja, ao mesmo tempo, coeso e lógico. Para lidar com esta demanda, o primeiro tópico do texto da introdução envolve a definição conceitual do tema. A escolha de um tema representa uma delimitação de um campo de estudo, no interior de uma grande área de conhecimento, sobre o qual se pretende debruçar. Segundo Barreto e Honorato (1998), “[...] é necessário construir um objeto de pesquisa, ou seja, selecionar uma fração da realidade a partir do referencial teórico-metodológico escolhido” (p. 62).

Difícilmente, um autor de um texto científico será capaz de escrever sobre um tema sobre o qual não possui qualquer familiaridade ou conhecimento prévio, com algum aprofundamento intelectual (BARRETO; HONORATO, 1998). Por isso, essa escolha temática deve se dar, levando, necessariamente, tal aspecto em consideração. Além disso, o tema de pesquisa precisa ser pensado como uma área de estudo e de interesse a ser abordada, sendo isso, já uma primeira delimitação,

ainda que ampla (GIL, 2002). Por exemplo, digamos que você esteja escrevendo o texto para falar sobre a educação de pessoas com deficiência. De certa maneira, o seu tema mais geral é a educação, então, você pode começar o texto definindo a educação dentro de alguma perspectiva teórica que esteja fundamentando suas leituras e o seu trabalho, ou ainda, caso o texto precise ser mais objetivo, pode começar diretamente do tópico: “educação de pessoas com deficiência”. Dessa forma, assim que definir o seu tema com base na literatura conceitual daquela área de conhecimento, você deve “afunilar” o seu texto, de acordo com o tópico a seguir.

## **2.2. Delimitação do tema: elementos que o constituem**

Delimitar é indicar a abrangência do estudo, estabelecendo os limites e extensões conceituais do tema. É aqui que você vai trazer grande parte das referências bibliográficas que levantou sobre o tema para apresentar esses elementos. Enquanto princípio de logicidade, é importante salientar que, quanto maior a extensão conceitual, menor a compreensão também conceitual e, o inverso, igualmente, procede, quanto menor a extensão conceitual, maior a compreensão conceitual. Em outras palavras, se você partir de um tópico mais amplo, conseguirá apresentar para o seu leitor um conjunto limitado de informações, pois, dificilmente, conseguirá aprofundá-las. Certamente, você terá que lidar com algum tipo de limitação de caracteres ou páginas, motivo pelo qual não dará conta de partir de um tópico muito amplo até atingir a especificidade necessária para que o texto não fique, demasiado, genérico ou superficial. Ao contrário, quanto mais restrito for seu tema, maior será o conteúdo que conseguirá trazer com o fim de explicá-lo. Para que fique clara e precisa a extensão conceitual do assunto, é importante situá-lo em sua respectiva área de conhecimento, possibilitando, assim, que se visualize a especificidade do seu tema no contexto de sua área de conhecimento (LEONEL, 2002).

O pesquisador, conforme Oliveira (2002), deve contextualizar de forma sucinta o tema de sua pesquisa. Contextualizar significa abordar o tema de forma a identificar a situação ou o contexto no qual ele está inserido. Ainda segundo Oliveira, essa é uma forma de introduzir o leitor no tema em que se encontra o problema de pesquisa, permitindo uma visualização situacional da questão. Por exemplo, novamente, no caso da educação de pessoas com deficiência, esse tema

está sendo analisado em que contexto? No contexto nacional? Internacional? Ou mais regionalizado? Além da questão geográfica, pode haver também a questão temporal, que permite circunscrever ao leitor qual é o contexto histórico que será abordado. Isto é importante, especificamente, para o caso em questão. Durante muito tempo, a literatura tratava pessoas com deficiência com termos que hoje são considerados inadequados. Veja o caso do termo “retardo”, que foi designado para descrever uma relação de “atraso” no desenvolvimento, mas, ao longo do tempo, foi sendo associado, negativamente, a esta população. Sem a devida contextualização, o seu texto pode ser avaliado de maneira negativa pelo leitor, e ainda, não estar em consonância com a literatura mais atual da área.

### **2.3. Leis relacionadas ao tema**

A depender do tema investigado e da área a qual ele se insere, pode ser importante apresentar leis ou documentos que regulam as ações no contexto de investigação ou intervenção realizada. As leis podem estabelecer critérios e dimensões, tanto de análise e investigação como parâmetros para a atuação profissional. Normativas que definem direitos de uma dada população e/ou fundamentos para a atuação profissional podem ser apresentados. As normativas de conselhos profissionais de classe, ou de associações científicas podem ser utilizadas para descrever o que se espera dos profissionais naquele campo de atuação.

### **2.4. Dados sobre o tema/assunto investigado**

Dados atuais sobre o tema investigado permitem apresentar ao leitor a importância do mesmo. Os dados devem ser de fontes confiáveis e fidedignas. Institutos de pesquisa ou mesmo um estudo que fez algum levantamento podem ser usados como fontes. Por exemplo, se o tema é segurança no trabalho ou acidentes de trabalho, são informações fundamentais para justificar o tema proposto: dados atuais no Brasil, na região em que a pesquisa é feita ou até em relação ao tipo de trabalho e função em que está se realizando o estudo.

### **2.5. Revisões de literatura sobre o tema**

Um texto acadêmico tem como uma das principais premissas a de que ele está partindo do ponto mais atual do conhecimento daquela área na qual ele se insere, buscando lidar com questões ou problemas ainda não solucionados (VOLPATO, 2015). Para garantir isso, o pesquisador deve apresentar para o leitor uma revisão de literatura sobre a temática, de maneira a permitir que as evidências que fundamentaram a construção do trabalho sejam avaliadas criticamente pelo leitor.

Nessa etapa, como o próprio nome indica, analisam-se as mais recentes obras científicas disponíveis que tratam do assunto ou que forneçam embasamento teórico e metodológico para o desenvolvimento da pesquisa. Desta maneira, você pode apresentar para o leitor estudos recentes sobre o tema.

Aqui, a palavra “recente” merece uma análise mais cuidadosa. Dependendo da área de conhecimento, o termo pode ser avaliado de maneiras diferentes. Uma área com produção pequena e muito espaçada ao longo dos anos, pode ter como publicação recente um estudo de 10 anos atrás. Já uma literatura na qual muitos autores publicam estudos a cada ano, “recente” pode ser considerado apenas estudos de dois ou, no máximo, três anos atrás. Por isso é importante que você procure, nas principais bases de dados, artigos relacionados ao seu tema para fundamentar o seu trabalho com aquilo de mais recente e relevante.

Uma outra possibilidade, que não elimina a primeira, é encontrar estudos de revisão de literatura ou, mais especificamente, de revisão sistemática, que são estudos que analisam uma literatura específica, apresentando ao leitor as principais características desta literatura, desde aspectos metodológicos até resultados e lacunas no conhecimento existente. Caso encontre uma revisão sistemática na área que está escrevendo o seu texto, ela, com toda a certeza, deverá ser lida e trazida ao seu trabalho a fim de conferir melhor fundamentação a ele.

Para concluir, neste tópico, após a apresentação das principais evidências e contribuições de estudos anteriores para a área em análise, você, certamente, terá identificado algumas lacunas, ou seja, aspectos que ainda não estão muito bem esclarecidos e que devem ser investigados por estudos futuros. Neste sentido, você cria as condições no seu texto para o próximo tópico.

## **2.6. Síntese do texto**

A síntese do texto envolve apresentar os principais elementos já descritos na introdução. Tais elementos devem ser aqueles que o autor identificou como os mais relevantes para a formulação do “problema de pesquisa” e que ajudarão a definir a justificativa para o estudo a ser realizado.

## **2.7. Justificativa e a lacuna no conhecimento**

A justificativa envolve aspectos de ordem teórica, para o avanço da ciência, de ordem profissional, institucional (universidade e empresa) e social (contribuição para a sociedade). Trata-se de uma seção do texto na qual devemos responder a questões como: Qual a relevância da pesquisa? Que motivos a justificam? Quais contribuições para a compreensão científica, intervenção na realidade ou solução de problemas que a pesquisa produzirá?

Silva e Menezes (2001) afirmam que o pesquisador precisa fazer algumas perguntas a si mesmo: “O tema é relevante? Por quê? Quais pontos positivos você percebe na abordagem proposta? Que vantagens/benefícios você pressupõe que sua pesquisa irá proporcionar?” (p. 31). Um problema de pesquisa bem definido, que pode ser traduzido em uma ou mais perguntas, culminará em um objetivo de pesquisa, que é a finalidade última pela qual o seu trabalho foi escrito.

## **2.8. Objetivo**

No nosso exemplo apresentado desde a introdução: na comparação com uma viagem, o objetivo é o destino ao qual você pretende chegar na realização de sua pesquisa. Relaciona-se com a visão global do problema de pesquisa. O objetivo, portanto, indica o que se pretende conhecer, ou medir, ou avaliar, ou testar no decorrer da pesquisa, ou seja, as metas que se deseja alcançar. Uma ação individual ou coletiva se materializa através de um verbo. Por isso é importante uma grande precisão na escolha do verbo, optando por aquele que exprime rigorosamente a ação que o pesquisador pretende executar (BARRETO; HONORATO, 1998). Vamos analisar alguns exemplos.

Imagine que você quer verificar se uma metodologia específica para ensinar uma criança a ler é mais eficaz do que outra. Nesse caso, o objetivo poderia ser explicitado da seguinte maneira: “O objetivo do presente estudo foi investigar (verbo no infinitivo descrevendo a ação do pesquisador) se o método de ensino X é



mais eficaz do que o método tradicional Y no ensino de leitura para crianças de 6 anos”. Veja que, nesse exemplo, além de descrever o verbo no infinitivo, descrevemos também, exatamente, o que gostaríamos de investigar (qual método é mais eficaz), especificando em relação à eficácia, que será medida (ensino de leitura) e a população, que será avaliada.

Nesse exemplo, poderíamos, ainda, ser mais específicos e definir de maneira mais clara o termo “eficácia”, substituindo por termos como “(...) se o método de ensino X aumenta o repertório de leitura em maior proporção do que o método tradicional Y (...)”. Veja que, neste caso, tomamos o cuidado de dizer, exatamente, o que estamos chamando de eficaz. Convém avaliar, cuidadosamente, a escrita do seu objetivo para evitar termos ambíguos ou muito amplos. É fundamental em seu objetivo o uso de termos e expressões que você já apresentou e explicou, detalhadamente, ao longo do texto da introdução.

Outro critério fundamental na delimitação dos objetivos da pesquisa, é a disponibilidade de recursos financeiros, humanos e de tempo para a execução do trabalho, de tal modo que não se corra o risco de torná-lo inviável. É mais viável e coerente o pesquisador diminuir o escopo de sua pesquisa, do que se perder em um conjunto de informações e dados que não poderão ser devidamente coletados e analisados (BARRETO; HONORATO, 1998).

## 2.9. Revendo a introdução

Sabadini, Sampaio e Koller (2009) listaram algumas questões a serem feitas como uma forma de checar os conteúdos de uma introdução. A Tabela 1 apresenta tais questões em um formato de checklist para que os autores possam utilizar em seus textos e, assim, verificar se todos os elementos da introdução foram contemplados.

**Tabela 1.** Checklist para conferência da qualidade do relatório científico.

Item a ser conferido	Checklist
Pesquisas anteriores foram trazidas para mostrar as suas contribuições sobre aquele tema?	
Foram incluídos artigos históricos ou clássicos dentre aqueles citados?	
Foi obedecida uma cronologia na apresentação das ideias revisadas?	
Foi descrito em alguma medida, a principal contribuição que a presente pesquisa se propõe a fazer?	

Justificativas científicas e sociais para sustentar o argumento anterior foram apresentadas?	
Foram encontradas revisões sistemáticas sobre o tema? Se sim, foram descritas?	
As perguntas de pesquisa estão explicitadas no texto, principalmente, antes do objetivo?	
Quais são os objetivos (gerais e/ou específicos) da pesquisa?	
Hipóteses foram levantadas, com base no objetivo?	
O problema e as hipóteses foram justificados teoricamente?	

Finalmente, cabe lembrar que uma introdução não é uma colcha de retalhos ou de informações lançadas de forma desconexa e estanque. O texto introdutório, assim como os que compõem as outras seções, deve ser coeso e possuir coerência, sendo fluido, objetivo, conciso e com as ideias organizadas de maneira lógica.

### **3. O MÉTODO DO RELATÓRIO CIENTÍFICO**

#### **3.1. O “passo a passo” da implementação da pesquisa: a seção de método**

Se o objetivo nos apresenta o ponto de chegada de um trabalho científico, o método contemplará o “como” chegaremos neste mesmo ponto. Então, levando em consideração a nossa analogia com a viagem, o método concentra o trajeto que vamos percorrer até chegar em nosso objetivo. No texto científico é como se descrevêssemos, não apenas, os caminhos, mas, quem viajará conosco (participantes), em qual região vamos fazer o trajeto (local), os itens fundamentais indispensáveis para a viagem (instrumentos e materiais) e, principalmente, o caminho que faremos até chegar em nosso destino (procedimento). Abaixo, você verá uma descrição de cada um destes tópicos no texto do relatório científico e o que deve escrever em cada uma dessas seções.

#### **3.2. Quem vai participar? Descrevendo os participantes**

Na subseção de participantes, devemos explicitar as principais características dos participantes, como idade (menor e maior, média, desvio-padrão), gênero, profissão e função (se for o caso). Se os participantes forem estudantes, é importante inserir o ano ou o semestre que estão cursando no momento da participação da pesquisa. Condições socioeconômicas também devem ser apresentadas. Quando necessário, indicar região geográfica. No caso de participantes com características específicas ou que exijam algum destaque, em

função do tipo de estudo que se está realizando, devem ser descritas detalhadamente.

Outro ponto que deve ser descrito aqui, envolve a maneira como os participantes foram recrutados para participar do estudo em questão. Isso é importante porque, dependendo da pesquisa, a maneira de chamar o participante envolve vários cuidados técnicos, tanto para não “adiantar” muitas informações para o participante que podem comprometer a sua participação, ou, ao contrário, nunca, suprimir informações importantes para que ele decida livremente e de maneira esclarecida se deseja ou não participar.

Levando em conta essa questão do aceite livre e esclarecido da participação na pesquisa, quando o trabalho demandou a tramitação em um comitê de ética, aqui é o momento em que você descreve para o leitor que tal tramitação ocorreu, apresentando o número do parecer do comitê, e indicando que os participantes receberam e assinaram o “TCLE” (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Depois disso, devem ser apresentados os critérios de inclusão e exclusão dos participantes. Por exemplo, se o seu objetivo foi testar um procedimento de ensino de equações matemáticas, e o seu participante já possui tal conhecimento, mesmo que tenha a idade adequada e outros critérios sejam preenchidos, ainda assim, ele pode possuir um critério que determine sua exclusão da amostra de participantes. Para poder investigar um procedimento de ensino desta habilidade, seus participantes não podem ter essa mesma habilidade, ou seja, esse é um critério de exclusão. Também convém indicar para o seu leitor como tal critério foi mensurado. Nesse exemplo, você poderia descrever que aplicou uma avaliação para os participantes, e aqueles que tiveram uma pontuação específica foram excluídos da amostra.

### **3.3. Onde a pesquisa aconteceu? Descrevendo o local**

Aqui há dois aspectos importantes considerados. Um deles, é o local em termos geográficos. Por exemplo, se a pesquisa aconteceu em uma escola da cidade de São Paulo, então, esta informação deverá ser apresentada de uma maneira semelhante a esta: “A pesquisa ocorreu em uma escola localizada na cidade de São Paulo”. Perceba que não foi citada a escola em si (nome, bairro e afins). Isso

acontece devido a questões éticas para evitar que as pessoas envolvidas na pesquisa como participantes sejam identificadas.

O outro aspecto é o local específico no qual a pesquisa aconteceu. Por exemplo, se na escola em questão você utilizou uma sala para entrevistas com os professores, as características do ambiente físico desta sala deverão ser descritas. Há pesquisas que exigem uma descrição muito minuciosa do espaço físico, apresentando medidas específicas do espaço, e até mesmo um diagrama do ambiente. No entanto, tal grau de detalhamento não é o usual. Assim, o grau de particularização deve ser verificado de acordo com as necessidades da pesquisa. Em alguns contextos, há a necessidade de apresentar o ambiente social no qual a pesquisa ocorreu, principalmente, quando acontece no ambiente natural dos participantes, por exemplo, o intervalo dos alunos na escola. Neste caso, não é necessário descrever as características individuais de cada aluno presente no contexto, apenas, uma descrição geral das características mais comuns, por exemplo: “Estavam presentes no momento da coleta de dados cerca de 50 alunos entre 11 e 14 anos do ensino fundamental”.

Por último, quando a pesquisa acontecer em uma instituição, organização e afins, pode ser interessante a descrição de alguns aspectos sobre este local, sem, evidentemente, identificá-lo, como apresentar o seu histórico e qual o setor econômico e/ou social a que se destina. Em alguns casos, é importante mencionar o número de funcionários e pessoas atendidas e sua abrangência (local, regional, nacional e internacional).

### **3.4. O que o pesquisador utilizou para coletar as informações? Descrevendo os Instrumentos e Materiais**

Instrumentos e Materiais referem-se aos recursos técnicos que serão utilizados para avaliar e/ou mensurar as variáveis dos participantes que interessam ao pesquisador. Podem ser desde equipamentos (gravador de sons), um instrumento, como um teste, um roteiro de entrevista ou um método de observação de comportamentos (CAMPOS, 1999), ou materiais genéricos, como lápis, caneta e afins. Ambos devem ser mencionados e uma descrição geral dos mesmos deve ser apresentada nesse tópico. Exemplos de Instrumentos: entrevista, questionários, testes, inventários, escalas e formulários. Atualmente, esses

instrumentos têm sido aplicados, recorrentemente, de maneira digital, por meio de formulários online. Já os materiais podem ser jogos, brinquedos, material didático, diários de campo, câmeras, gravadores, mobiliários, computadores e dispositivos eletrônicos móveis, sites utilizados etc.

### **3.5. O que o pesquisador fez para coletar os dados? Descrevendo o Procedimento**

Talvez, esse seja um dos pontos mais importantes do seu texto. Isso pelo fato de conter a descrição das ações efetivas que o pesquisador realizou ao longo de seu trabalho e que serão objetos de análise e crítica por parte da comunidade acadêmica. Uma das principais maneiras pelas quais a ciência consegue se desenvolver é pela análise do procedimento empregado pelos autores e a possibilidade de replicá-los para verificar se os resultados se mantêm (SIDMAN, 1960; JOHNSTON et al., 2019).

Para exemplificar a questão da replicabilidade, pense na seguinte analogia: você acessa um site na Internet para pegar uma receita de bolo de cenoura que fará no seu café da tarde. Ao seguir os passos à risca da receita, você obtém um resultado insatisfatório, bem distante da foto chamativa no site que o fez escolher aquela receita. Do ponto de vista metodológico, essa receita foi inadequada, pois, não permitiu a replicação dela. No senso comum, muitas vezes olhamos para resultados que ninguém consegue replicar e avaliamos isso como algo positivo, como aquela receita de família que só uma pessoa é capaz de fazer, demonstrando um alto grau de aptidão à tarefa. Já na ciência, se, apenas um, pesquisador ou laboratório consegue obter um resultado positivo, não é considerado algo promissor. Portanto, um bom procedimento é aquele que pode ser replicado por outros pesquisadores e, para tanto, o autor do texto deve fornecer todas as informações fundamentais, na certeza de que será possível atingir tal expectativa de replicação.

Por esse motivo, o procedimento deve ser, cuidadosamente, descrito, pois, só assim, será passível de ser replicado por outro pesquisador. Sem uma adequada descrição, a replicabilidade do estudo está comprometida, e, dessa forma, a sua generalidade também fica restringida. No procedimento é obrigatória a descrição de todas as etapas da pesquisa até o final da coleta de dados (CAMPOS, 1999). A

seção do método deve informar aos leitores o que foi feito e como foi feito com suficiente detalhamento (SABADINI; SAMPAIO; KOLLER, 2009). No procedimento, as etapas devem ser apresentadas e organizadas de uma forma cronológica. No entanto, não são as datas que são mais importantes, mas sim a ordem de como as atividades foram realizadas. Para cada uma das etapas devem ser apresentados o objetivo e uma descrição detalhada de todas as atividades realizadas por quem conduz o estudo. As etapas podem ser definidas por atividades comuns e semelhantes.

Uma observação importante é que no procedimento se descreve o que o pesquisador programou e realizou: suas atividades e ações, mas, nunca o que derivou delas. Um erro muito comum nesta etapa é o aluno iniciar a descrição daquilo que ele fez e, no processo, iniciar o relato do que decorreu de suas ações. Essa descrição de tais consequências deve ser endereçada à seção de resultados.

### **3.6. Coletei os dados, e agora? Descrevendo o procedimento de análise dos resultados**

Geralmente, o pesquisador planeja de maneira detalhada o procedimento de coleta dos dados, mas, muitas vezes, se esquece completamente de como irá analisar os dados. Esta seção permite que você, principalmente, durante as etapas de planejamento da pesquisa, pense e elabore os passos que irá executar para garantir uma análise competente dos dados coletados.

É importante não dizer, apenas, o que você fará com os dados, por exemplo: “Serão construídas tabelas e gráficos para apresentar os dados...”, mas, principalmente, como isso será feito. Em algumas pesquisas o dado coletado não apresenta de maneira explícita as conclusões que o pesquisador obteve. Para isso, é preciso tratar este dado. Se você estiver coletando dados de um discurso de alguém, por mera apresentação do que tal pessoa disse, pode não ser suficiente para extrair os dados de acordo com os objetivos propostos. Assim, será preciso descrever como este discurso será analisado (RODRIGUES & MELO, 2020).

Aqui também é a seção na qual são descritos procedimentos de concordância e fidedignidade dos dados (FONSECA, 2018), que é um procedimento no qual outro pesquisador, não participante da coleta, é convidado para analisar os dados e verificar se ele registra os mesmos eventos que o pesquisador original da

pesquisa registrou e, a partir disso, efetua-se um cálculo matemático para obter-se a porcentagem de concordância.

#### **4. E O QUE ACONTECEU? DESCREVENDO OS RESULTADOS E A DISCUSSÃO**

Tendo realizado a pesquisa, o pesquisador deverá descrever o que aconteceu após a aplicação do procedimento. Esta tarefa é realizada na seção dos resultados. Os resultados são os produtos que decorrem do método (mais especificamente, da execução do procedimento) conduzido pelo pesquisador. A partir do método empregado, quais foram os resultados obtidos? Essa é a questão a ser respondida em uma seção de resultados.

Os resultados devem ser descritos de forma ordenada. Há duas possibilidades aqui: você pode iniciar a descrição dos resultados chamando atenção para o resultado mais importante obtido e, a partir dele, detalhar os resultados específicos, ou você pode apresentar os resultados de acordo como foram descritos no procedimento, seguindo a ordem cronológica. Novamente, as duas possibilidades podem ser consideradas, mas, é importante que a estrutura do texto da seção de resultados seja planejada previamente, de maneira que a coesão fique estabelecida por primeiro.

Outro aspecto, que vale a pena destacar: na descrição é importante, apenas, apresentar o que de fato ocorreu. Ao final dessa seção, uma síntese dos principais resultados, juntamente, com uma análise geral deve ser feita. Também é importante apresentar se os resultados, com base na metodologia empregada, atingiram ou não o objetivo proposto.

Alguns autores descrevem a seção de resultados, juntamente, com a discussão. Outros, preferem descrever as duas seções separadas. Há prós e contras nas duas estratégias: ao descrevê-las conjuntamente, pode ficar mais intuitivo retomar pontos teóricos discutidos na introdução, por outro lado, pode dificultar a coesão do texto, pois, você precisará articular cada resultado discutido com o próximo. Já separar a seção de resultados da de discussão, pode ser mais simples do ponto de vista da descrição dos resultados, porém, pode tornar a escrita da discussão um pouco mais difícil, porque você precisará retomar, constantemente, resultados descritos na seção anterior, por isso, se ambas não forem feitas adequadamente, poderão cansar o leitor.

Caso decida segmentar as seções, aqui vão algumas recomendações para a seção de discussão. Uma boa discussão é aquela que “amarra o texto” com a introdução, ou seja, os autores, referenciais, conceitos, termos e afins que você trouxe na introdução devem ser retomados aqui para dar suporte aos resultados obtidos por você, tanto para reafirmá-los quanto para refutá-los. Os resultados que você atingiu estão em congruência com o que era esperado e de acordo com a literatura? Ou eles apontam pontos de discordância? É aqui que você pode lançar mão da argumentação teórica para tentar explicar para o leitor os resultados que alcançou e por qual motivo foram alcançados. De maneira geral, seria como dizer que a seção de resultado apresenta quais foram, efetivamente, os resultados obtidos pelo método empregado, enquanto a função da discussão é explicar e justificar o que foi obtido, com base na fundamentação teórica adotada e no conhecimento científico existente. Para além disso, a discussão tem a finalidade de apresentar as respostas do estudo para as perguntas de pesquisa e argumentar que tais respostas são válidas e podem passar a fazer parte da Ciência (VOLPATO, 2015).

De uma maneira ou de outra, ao final da leitura destes dois tópicos, o leitor deverá ser capaz de compreender o que aconteceu após a aplicação do método descrito e deverá também identificar, com base na descrição do pesquisador, as lacunas que o seu trabalho deixou em aberto. É isso que o próximo tópico deve abarcar.

## **5. FINALIZANDO O TEXTO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Continuando nossa analogia da viagem, as considerações finais seriam como a sua avaliação da viagem. O que você achou da viagem? Você chegou ao objetivo no tempo pretendido? E a sua experiência ao longo do processo, foi prazerosa? O que faria de diferente se fosse fazer a mesma viagem novamente, ou se estivesse recomendando-a para outra pessoa?

Geralmente, o primeiro parágrafo desta seção constitui na retomada do objetivo para lembrar do próprio leitor o que você pretendia com o seu texto. Em seguida, você diz se o objetivo foi ou não atingido, e apresenta os argumentos empíricos, isto é, os dados coletados que sustentam a sua afirmação. Evidentemente, que não se constitui em uma retomada exaustiva dos dados, mas,



um resumo, num panorama geral deles. Para finalizar, você apresenta uma análise crítica de tais resultados, indicando os problemas que enfrentou e como poderia lidar com eles futuramente, sugerindo, então, as lacunas existentes e como elas poderiam ser investigadas por outros pesquisadores.

Esta seção é fundamental, pois apresenta uma das principais características da ciência: parcimônia e crítica, ou seja, o pesquisador deve ser a pessoa mais crítica sobre o seu próprio trabalho, reconhecendo os méritos que obteve, mas, principalmente, as lacunas e aquilo que ainda precisa ser melhor investigado, oferecendo, apenas, as conclusões que podem ser sustentadas pelos seus dados, bem como as explicações mais simples e concretas que conseguir, de modo a responder ao problema de pesquisa, inicialmente, formulado. É por isso que a ciência é uma área de produção de conhecimento em constante movimento, pois, aquele que produz conhecimento dá as bases para que outros continuem o seu trabalho.

## **6. Últimas sugestões**

Longe de esgotar o tema proposto, quisemos apresentar para você, leitor, que está encontrando dificuldades para escrever um trabalho acadêmico, um guia estrutural das etapas principais que você precisará cumprir durante este processo de escrita de um relatório científico direcionado à pesquisa empírica. Tão importante quanto saber o que escrever, importante é saber, também, como e em que momento. Esse foi o foco desse texto. Esperamos que ele tenha atingido o seu objetivo ao te auxiliar na estruturação do seu próprio texto acadêmico.

Como um último exercício, gostaríamos de sugerir que você tente criar uma espécie de “template”, um “modelo” que utilizará, sempre, que precisar redigir textos acadêmicos, de maneira que a formatação, normas, tópicos e subtópicos já estejam preparados para você, apenas, “preencher”. Use as recomendações que apresentamos aqui para criar tal modelo, de maneira a diminuir o custo inerente a esta tarefa.

## **4. REFERÊNCIAS**

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar Teixeira. **Manual sobrevivência na selva acadêmica**. Objeto Direto, 1998.

BOICE, Robert. Writing blocks and tacit knowledge. **The Journal of Higher Education**, v. 64, n. 1, p. 19-54, 1993.

CAMPOS, Luis Fernando de Lara. **Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia**. Campinas: Alínea, 2008.

CRUZ, Robson Nascimento. Becker e o silêncio sobre a escrita na pós-graduação: soluções antigas para o cenário Brasileiro atual? **Psicologia & Sociedade**, v.30, p. 1-7, 2018. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30167038>

CRUZ, Roberto Moraes et al. Redação científica de artigos: problemas comuns. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 20, n. 3, p. 1-2, 2020. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2020.3.editorial>

FINDLAY, Eleide Abril Gordon; COSTA, MAURO A.; GUEDES, Sandra PLC. Guia para elaboração de projetos de pesquisa. **Joinville: Univille**, 2006.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JOHNSTON, James M.; PENNYPACKER, Henry S.; GREEN, Gina. **Strategies and tactics of behavioral research and practice**. Routledge, 2019.

KOLLER, Sílvia H.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; VON HOHENDORFF, Jean. **Manual de produção científica**. Penso Editora, 2014.

MELO, Tais Guedes de; MENDONÇA, Helenides. Academic Procrastination: Relationships with Support from the Environment and Self-Leadership. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 30, 2020.. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3038>

KOLLER, Sílvia H.; DE PAULA COUTO, Maria Clara P.; VON HOHENDORFF, Jean. **Manual de produção científica**. Penso Editora, 2014.

LEONEL, V. (Org.). **Diretrizes para a elaboração e apresentação da monografia do curso de Direito**. Tubarão, 2002.

DE OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Metodologia científica aplicada ao direito**. Cengage Learning Editores, 2002.

RODRIGUES, Denise Simões; MELO, Maria Lúcia. Estudo sobre análise de discurso como procedimento metodológico na pesquisa documental. **Educação (UFSM)**, v. 45, p. 40-1-21, 2020. <http://dx.doi.org/10.5902/19846444>

SABADINI, Aparecida Angélica Zoqui Paulovic., SAMPAIO, Maria Imaculada Cardoso, & KOLLER, Sílvia Helena (Orgs.). **Publicar em psicologia: um enfoque para a revista científica**. São Paulo: Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia; Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 2009.

SIDMAN, Murray. **Tactics of scientific research**. New York: Basic Books. 1960.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância, 2001.

VOLPATO, Gilson Luiz. O método lógico para redação científica. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 9, n. 1, 2015. <https://doi.org/10.29397/reciis.v9i1.932>

**Submetido em:** 16/06/2021  
**Revisões requeridas em:** 03/09/2021  
**Aprovado em:** 10/12/2021

### **SOBRE OS AUTORES**

**André Luiz Ferreira:** Doutor em Psicologia pela Universidade Federal da São Carlos (UFSCar). Professor de graduação e pós-graduação e consultor acadêmico. Desenvolve pesquisa jogos comportamentais e educação baseada em evidência.

**Pedro Bordini Faleiros:** Doutor em Psicologia Experimental pela USP-SP. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Desenvolve pesquisa sobre Cooperação e Práticas Culturais.

### **PARA CITAR ESTE ARTIGO:**

FALEIROS, B. F.; FERREIRA, A. L **Como e o que escrever em um relatório científico de pesquisa empírica?** Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, p. 1-19, 2021.